

Estrela da manhã

Estrela da manhã

Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrela da manhã

Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem?
Procurem por toda parte

Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo
Que me importa?
Eu quero a estrela da manhã

Três dias e três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário

Virgem mal-sexuada
Atribuladora dos aflitos
Girafa de duas cabeças
Pecai por todos pecai com todos

Pecai com os malandros
Pecai com os sargentos
Pecai com os fuzileiros navais
Pecai de todas as maneiras
Com os gregos e com os troianos

Com o padre e com o sacristão
Com o leproso de Pouso Alto

Depois comigo

Te esperarei com maíãs novenas cavalladas comerei terra e direi
[coisas de uma ternura tão simples

Que tu desfalecerás

Procurem por toda parte

Pura ou degradada até a última baixeza

Eu quero a estrela da manhã.

Canção das duas Índias

Entre estas Índias de leste
E as Índias ocidentais

Meu Deus que distância enorme

Quantos Oceanos Pacíficos

Quantos bancos de corais

Quantas frias latitudes!

Ilhas que a tormenta arrasa

Que os terremotos subvertem

Desoladas Marambaias

Sirres sereias Medéias

Púbis a não poder mais

Altos como a estrela-d'alva

Longínquos como Oceanias

— Brancas, sobrenaturais —

Oh inacessíveis praias!...

1931

Poema do beco

Que importa a paisagem, a Glória, a bata, a linha do horizonte?

— O que eu vejo é o beco.

1933

Balada das três mulheres do sabonete Araxá

As três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me bouleversam,
[me hipnotizam.

Oh, as três mulheres do sabonete Araxá às 4 horas da tarde!

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

Que outros, não eu, a pedra corem
Para brutais vos adorarem,

Ó brancaranas azedas,

Multras cor da lua vem saindo cor de prata

Ou celestes africanas:

Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres do sabonete
[Araxá!

São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete
[Araxá?

São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas?

São as três Marias?

Meu Deus, serão as três Marias?

A mais nua é doirada borboleta.

Só a segunda casasse, eu ficava safado da vida, dava pra beber e
[nunca mais telefonava.

Mas se a terceira morresse... Oh, então nunca mais a minha vida
[outrora teria sido um festim!

1931

Se me perguntassem: Queres ser estrela? queres ser rei? queres um
[filha no Pacífico? um bangalô em Copacabana]
Eu responderia: Não quero nada disso, retrarca. Eu só quero a
[três mulheres do sabonete Araxá]

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

Teresópolis, 1931

O amor, a poesia, as viagens

Atirei um céu aberto
Na janela do meu bem:
Cai na Lapa — um deserto...
— Pará, capital Belém!...

1931

O desmemoriado de Vigário Geral

Lembrava-se, como se fosse ontem, isto é, há quarenta séculos
que um exército de pirâmides o contemplava. Mas não saberia
precisar onde, a que luz ou em que sol de que extinta constelação
Não obstante preferia que fosse na estrela mais branca do cintu-
rão de Órion.

É verdade: havia uma mulher que telefonava. Mas tão distante
meu Deus, que era como se lhe faltasse a ela e para todo o sempre
um atributo humano indispensável.

Se lhe propunham exemplos — o xequê do pastor, o pau de
amarrar água, o mal-assombrado de Guapi, futura cidade, ele dis-
simulava. Era então horrível de se ver.

Afinal um dia foi encontrado morto e quando já nem tudo era
possível, uma aventura banal.

A filha do rei

Aquela cor de cabelos
que eu vi na filha do rei
— Mas vi tão subitamente —
Será a mesma cor da axila,
Do maravilhoso pente?
Como agora o saberei?
Vi-a tão subitamente!
Ela passou como um raio:
Só vi a cor dos cabelos.
Mas o corpo, a luz do corpo?...
Como seria o seu corpo?...
Jamais o conhecerei!

Cantiga

Nas ondas da praia
Nas ondas do mar
Quero ser feliz
Quero me afogar.
Nas ondas da praia
Quem vem me beijar?
Quero a estrela-d'alva
Rainha do mar.
Quero ser feliz
Nas ondas do mar
Quero esquecer tudo
Quero descansar.

Marinheiro triste

Marinheiro triste
Que voltas para bordo
Que pensamentos são
Esses que te ocupam?
Alguma mulher
Amante de passagem
Que deixaste longe
Num porto de escala?
Ou tua amargura
Tem outras raízes
Largas fraternais
Mais nobres mais fundas?
Marinheiro triste
De um país distante
Passaste por mim
Tão alheio a tudo
Que nem presentiste
Marinheiro triste
A onda viril
De fraterno afeto
Em que te envolvi.
las triste e lícido
Antes melhor fora
Que voltasses bêbedo
Marinheiro triste!
E eu que para casa
Vou como tu vais
Para o teu navio,
Feroz casco sujo
Amarrado ao cais,
Também como tu

Marinheiro triste
Vou lícido e triste.

Amanhã terás
Depois que partires
O vento do largo
O horizonte imenso
O sal do mar alto!
Mas eu, marinheiro?

— Antes melhor fora
Que voltasse bêbedo!

Boca de forno

Cara de cobra,
Cobra!
Olhos de louco,
Louca!

Testa insensata
Nariz Capeto
Cós do Capeta
Donzela rouca
Porta-estrandarte
Jóia boneca
De maracatu!

Pelo teu retrato
Pela tua cinta
Pela tua carta
Ah tóó meu santo
Eh Abaluaé

Inhansã boneca
De maracatu!

No fundo do mar
Há tanto tesouro!
No fundo do céu
Há tanto suspiro!
No meu coração
Tanto desespero!

Ah tôto meu pai
Quero me rasgar
Quero me perder!

Cara de cobra,
Cobra!
Olhos de louco,
Louca!
Cussarum boneca
De maracatu!

Oração a Nossa Senhora da Boa Morte

Fiz tantos versos a Teresinha...
Versos tão tristes, nunca se viu!
Pedi-lhe coisas. O que eu pedia
Era tão pouco! Não era glória...
Nem era amores... Nem foi dinheiro...
Pedia apenas mais alegria:
Santa Teresa nunca me ouviu!

Para outras santas voltei os olhos.
Porém as santas são impassíveis
Como as mulheres que me enganaram.
Desenganei-me das outras santas

(Pedi a muitas, rezei a tantas)
Até que um dia me apresentaram
A Santa Rita dos Impossíveis.

Fui despachado de mãos vazias!
Dei volta ao mundo, tentei a sorte.
Nem alegrias mais peço agora,
Que eu sei o avesso das alegrias.
Tudo que viesse, viria tarde!
O que na vida procurei sempre,
— Meus impossíveis de Santa Rita, —
Dar-me-eis um dia, não é verdade?
Nossa Senhora da Boa Morte!

1931

Momento num café

Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto, distraídos
Estravam todos voltados para a vida
Absortos na vida
Confiantes da vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade
Que a vida é traição
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta.

Contrição

Quero banhar-me nas águas límpidas
Quero banhar-me nas águas puras
Sou a mais baixa das criaturas
Me sinto sórdido

Confiei às feras as minhas lágrimas
Rolei de borco pelas calçadas
Cobri meu rosto de bofetadas
Mas Deus valei-me

Vozes da infância contai a história
Da vida boa que nunca veio
E eu caia ouvindo-a no calmo seio
Da eternidade.

Chanson des petits esclaves

Constellations
Maîtresses vraiment
Trop insouciantes
O petits esclaves
Secouez vos chaînes

Les cieus sont plus sombres
Que les beaux miroirs
Finis les tracas
Finie toute peine.

O petits esclaves
Black-boulez les reines

La folle journée
J'aurai vite fait
D'avoir mis d'emblee
Toutes les sirènes
Sous mes arrosoirs

Car voici demain

O petits esclaves
Secouez vos chaînes
Donnez-vous la main.

Sacha e o poeta

Quando o poeta aparece,
Sacha levanta os olhos claros,
Onde a surpresa é o sol que vai nascer.

O poeta a seguir diz coisas incriveis,
Desce ao fogo central da Terra,
Sobe na ponta mais alta das nuvens,
Faz gurugutu pif paf,
Dança de velho,
Vira Exu.
Sacha sorri como o primeiro arco-íris.

O poeta estende os braços, Sacha vem com ele.

A serenidade voltou de muito longe.
Que se passou do outro lado?
Sacha medunizada

— Ah-pá-papapá-papá —
Transmite em Morse ao poeta
A última mensagem dos Anjos.

1931

Jacqueline

Jacqueline morreu menina.

Jacqueline morta era mais bonita do que os anjos.

Os anjos!... Bem sei que não os há em parte alguma.

Há é mulheres extraordinariamente belas que morrem ainda
[meninas.

Houve tempo em que olhei para os teus retratos de menina como

[olho agora para a pequena imagem de Jacqueline morta.

Eras tão bonita!

Eras tão bonita, que merecias ter morrido na idade de Jacqueline

— Pura como Jacqueline.

D. Janáina

D. Janáina

Sereia do mar

D. Janáina

De maiô encarnado

D. Janáina

Vai se banhar.

D. Janáina

Princesa do mar

D. Janáina

Tem muitos amores

É o rei do Congo

É o rei de Aloanda

É o sultão-dos-matos

É S. Salavál!

Saravá saravá

D. Janáina

Rainha do mar!

D. Janáina

Princesa do mar

Dai-me licença

Pra eu também brincar

No vosso reinado.

Trucidaram o rio

Prendei o rio

Maltratai o rio

Trucidai o rio

A água não morre

A água que é feita

De gotas inermes

Que um dia serão

Maiores que o rio

Grandes como o oceano

Fortes como os gelos

Os gelos polares

Que tudo arrebetam.

1935

Trem de ferro

Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virge Maria que foi isto maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fomalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!

Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá
Oô...
Menina bonita
Do vestido verde

Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora

Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade,
Conheceu Maria Elvira na Lapa — prostituída, com sífilis, der-
mite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição
de miséria.
Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no
Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto
ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo
um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma
facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.
Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael muda-
va de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Carete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a pólvora foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

1933

Conto cruel

A uremia não o deixava dormir. A filha deu uma injeção de sedol.

— Papai verá que vai dormir.

O pai aquietou-se e esperou. Dez minutos... Quinze minutos... Vinte minutos... Quem disse que o sono chegava? Então, ele implorou chorando:

— Meu Jesus-Cristinho!

Mas Jesus-Cristinho nem se incomodou.

Os voluntários do Norte

“São os do Norte que vêm!”

Tobias Barreto

Quando o menino de engenho

Chegou exclamando: — “Eu tenho,

Ó Sul, talento também!”

Faria, gesticulando,

Saiu à rua gritando:

— “São os do Norte que vêm!”

Era um tumulto horroroso!

— “Que foi?” indagou Cardoso

Desembarcando de um trem.

E inteiro-se. Senão quando,

Os dois saíram gritando:

— “Ê vêm os do Norte! Ê vêm!...”

Aos dois juntou-se o Vinícius

De Moraes, flor dos Vinícius,

E Melo Moraes também!

— “Que foi?” as gentes falavam...

E os três amigos bradavam:

— “São os do Norte que vêm!”

Nisso aparece em cabelo

O novelista Rebelo,

Que é Dias da Cruz também!

Mais uma voz para o coro!

E foi um tremendo choro:

— “Ê vêm os do Norte! Ê vêm!...”

41

E o clamor ia engrossando

Num retunbar formidando

Pelas cidades além...

— “Que foi?” as gentes falavam,

E eles pálidos bradavam:

— “São os do Norte que vêm!”

Rondó dos cavalinhos

Os cavalinhos correndo,

E nós, cavaloês, comendo...

Tua beleza, Esmeralda,

Acabou me enlouquecendo.

Os cavaleiros correndo,
E nós, cavaleiros, comendo...
O sol tão claro lá fora,
E em minh'alma — anoitecendo!

Os cavaleiros correndo,
E nós, cavaleiros, comendo...
Alfonso Reyes partindo,
E tanta gente ficando...

Os cavaleiros correndo,
E nós, cavaleiros, comendo...
A Itália falando grosso,
A Europa se avacalhando...

Os cavaleiros correndo,
E nós, cavaleiros, comendo...
O Brasil politicando,
Nossa! A poesia morrendo...
O sol tão claro lá fora,
O sol tão claro, Esmeralda,
E em minh'alma — anoitecendo!

Nietzschiانا

— Meu pai, ah que me esmaga a sensação do natal!
— Já sei, minha filha... É aravismo.
E ela reluzia com as mil cintilações do Êxito intacto.

Rondó do Palace Hotel

No hall do Palace o pintor
Cícero Dias entre o Pão
De Açúcar e um caixão de enterro
(É um rei andrógino que enterram?)
Toca um jazz de pandeiro com a mão
Que o Blaise Cendrars perdeu na guerra.

Deus do céu, que alucinação!
Há uma criatura tão bonita
Que até os olhos parecem nus:
Nossa Senhora da Prostituição!
— "Garçom, cinco martinis!" Os
Adolescentes cheiram éter
No hall do Palace.

Aqui ninguém dá atenção aos préstitos
(Passa um clangor de clubes lá fora):
Aqui dança-se, canta-se, fala-se
E bebe-se incessantemente
Para esquecer a dor daquilo
Por alguém que não está presente
No hall do Palace.

Declaração de amor

Juiz de Foral! Juiz de Foral!
Guardo entre as minhas recordações
Mais amováveis, mais repousantes
Tuas manhãs!
Um fundo de chácara na Rua Direita
Coberto de trapuerabas.

Uma velha jabuticabeira cansada de doçura.
Tuas três horas da tarde...
Tuas noites de cineminha namorisqueiro...
Teu lindo parque senhorial mais segundo-reinado do que a própria
[Quinta da Boa Vista...
Teus bondes sem pressa dando voltas vadias...
Juiz de Fora! Juiz de Fora!
Tu tão de dentro deste Brasil!
Tão docemente provinciana...
Primeiro sorriso de Minas Gerais!

Flores murchas

Pálidas crianças
Mal desabrochadas
Na manhã da vida!
Tristes asiladas
Que pendeis cansadas
Como flores murchas!
Pálidas crianças
Que me recordais
Minhas esperanças!

Pálidas meninas
Sem amor de mãe,
Pálidas meninas
Uniformizadas,
Quem vos arrancara
Dessas vestes tristes
Onde a caridade
Vos amortalhoul!

Pálidas meninas
Sem olhar de pai,
Ai quem vos dissera,
Ai quem vos gritara:
— Anjos, debandai!
Mas ninguém vos diz
Nem ninguém vos dá
Mais que o olhar de pena
Quando desflais,
Acucenas murchas,
Procição de sombras!

Ao cair da tarde
Vós me recordais
— Ó meninas tristes! —
Minhas esperanças!
Minhas esperanças
— Meninas cansadas,
Pálidas crianças
A quem ninguém diz:
— Anjos, debandai!...

A estrela e o anjo

Vesper caiu cheia de pudor na minha cama
Vesper em cuja ardência não havia a menor parcela de sensualidade
Enquanto eu gritava o seu nome três vezes
Dois grandes botões de rosa murcharam
E o meu anjo da guarda quedou-se de mãos postas no desejo
[insatisfeito de Deus.